

Estrela Guia de Aruanda



ACÇÃO CRISTÃ VOVÔ ELVÍRIO

Viver para aprender, Aprender para viver.



A arte de benzer

Ano IX Março 2026
Distribuição gratuita





Querido consulente, seja muito bem-vindo!

Para que todos possamos viver a melhor experiência espiritual possível, pedimos atenção às orientações abaixo:

- Este é um ambiente sagrado. Por isso, pedimos que venha trajando roupas claras, discretas e compostas;
- Evite bermudas, peças curtas, decotes ou transparências;
- Durante os pontos cantados, você é nosso convidado a cantar e bater palmas. Nos demais momentos, o silêncio é nossa melhor oração;
- Por gentileza, mantenha o celular desligado ou em modo silencioso;
- Cuide de seus pertences pessoais — o ACVE não se responsabiliza por objetos deixados no local.

Programação

*A arte de benzer é o sussurro da fé que cura onde o toque não alcança.
Na simplicidade do benzimento mora a sabedoria ancestral.*

DIA 03 de março	Estudos On-line	
DIA 04 de março – VALPARAÍSO	Gira de Desenvolvimento	
DIA 05 de março – CRISTALINA - GO	Palestra, Prece e Passe	Médiuns de Cristalina
DIA 06 de março – PALMELO-GO	Gira de Pretos Velhos	Médiuns de Pamelô
DIA 07 de março – VALPARAÍSO	Gira de Pretos Velhos	
DIA 08 de março – SAIA VELHA	Trabalho na Natureza	
DIA 10 de março	Estudos On-line	
DIA 11 de março – VALPARAÍSO	Gira de Desenvolvimento	
DIA 12 de março – CRISTALINA - GO	Palestra, Prece e Passe	Médiuns de Cristalina
DIA 13 de março – PALMELO – GO	Gira de Pretos Velhos	Médiuns de Pamelô
DIA 14de março – VALPARAÍSO	Gira de Pretos Velhos	
DIA 17 de março	Estudos On-line	
DIA 18 de março – VALPARAÍSO	Gira de Desenvolvimento	
DIA 19 de março – CRISTALINA - GO	Palestra, Prece e Passe	Médiuns de Cristalina
DIA 20 de março – CRISTALINA – GO	Gira de Pretos Velhos	Médiuns de BSB, Cristalina e Pamelô
DIA 21 de março – VALPARAÍSO	Gira de Pretos Velhos	
DIA 24 de março	Estudos On-line	
DIA 25 de março – VALPARAÍSO	Gira de Desenvolvimento	
DIA 26 de março – CRISTALINA – GO	Palestra, Prece e Passe	
DIA 27 de março – PALMELO - GO	Gira de Pretos Velhos	Médiuns de BSB, Cristalina e Pamelô
DIA 28 –de março - VALPARAÍSO	Gira de Pretos Velhos	
DIA 31 de março	Estudos On-line	

WWW.ACVE.COM.BR

EXPEDIENTE EGA:

Curadoria doutrinária: Pai Pedro Lettieri

Editores-chefes: Camila Vidal e Lucius Lettieri

Editoras: Cintia Lima e Sabrina Soliane

Arte de Capa: Camila Vidal

Diagramação e Manipulação de imagens em IA: Dênio Matos

Ilustração – A arte de Benzer, página 04: Fábio Vieira

Estrela Guia
de
Aruanda



@acve.acve



Fio de Contas e memórias

Desde os tempos mais antigos, o ser humano busca a cura não apenas para o corpo, mas também para o espírito. Antes mesmo da ciência moderna, nossos ancestrais já compreendiam que a fé, aliada à natureza e à palavra sagrada, possui um profundo poder de transformação. É desse saber milenar que nasce o benzimento. Muito antes dos livros, das farmácias e dos templos modernos, nossos antepassados já curavam com fé, palavras, ervas e conexão com as forças da natureza.

O benzimento nasce do encontro entre espiritualidade, tradição oral e respeito aos elementos. As rezas, os ramos verdes, a água, o sopro e a intenção são instrumentos de cura que buscam equilibrar corpo, mente e espírito. Não se trata apenas de afastar o mal, mas de restaurar a harmonia, fortalecer a fé e abrir caminhos.

As benzedadeiras e os benzedores são guardiões de um conhecimento transmitido de geração em geração, sempre com humildade e amor ao próximo.

Eles compreendem que cada planta tem sua energia, cada oração seu poder, e que a cura acontece quando há entrega e confiança.

Na Umbanda e nas tradições populares brasileiras, o benzimento caminha lado a lado com o trabalho espiritual, o uso consciente das ervas sagradas, a proteção dos guias e a força dos ancestrais que nos acompanham.

Que esta edição de março seja um tributo àqueles que mantiveram viva essa chama ao longo dos séculos.

Que possamos aprender com os mais velhos, valorizar nossas raízes e reconhecer que a verdadeira sabedoria está na simplicidade, na fé e no amor colocados em cada gesto.

Com carinho a todos os filhos e consulência, Pai Pedro Lettieri.



A arte do benzimento: sabedoria e fé que andam juntas

Médiuns Cintia Lima e Sabrina Soliane

A tradição de benzer ainda atravessa muitas gerações em todo o Brasil. As orações e benzeduras contra cobreiro, bicheira, espinhela caída, mau-olhado e outras enfermidades ocupam lugar de destaque para quem acredita no poder da fé e na sabedoria dos ancestrais.

Cada entidade apresenta particularidades próprias, como é o caso do trabalho desenvolvido na casa Ação Cristã Vovô Elvírio (ACVE). Alguns pretos-velhos, carinhosamente chamados de “negos-véios”, utilizam facas, tesouras, terços, guias, vela branca, cordões e os tradicionais ramos, que são manuseados sobre os consulentes durante o ritual.

Para o psicólogo Pedro Lettieri Júnior, pai de santo do ACVE que atende com Pai Leopoldo - preto-velho dirigente espiritual do terreiro, a prática do benzimento é extremamente válida, especialmente quando realizada por pessoas preparadas para esse fim. “Isso não vem de agora. São tradições de pessoas que nos antecederam e que se dedicaram a estudar mais a fundo essa prática. Existem várias formas de benzimento, que variam de acordo com o benzedor. Inclusive, quando jovem, ouvia falar de benzimentos para espinhela caída, ventre virado ou quebranto. É muito útil. Os pretos-velhos utilizam bastante essa prática, pois trabalham com energia, renovação e até mesmo com a cura de doenças”, explica.

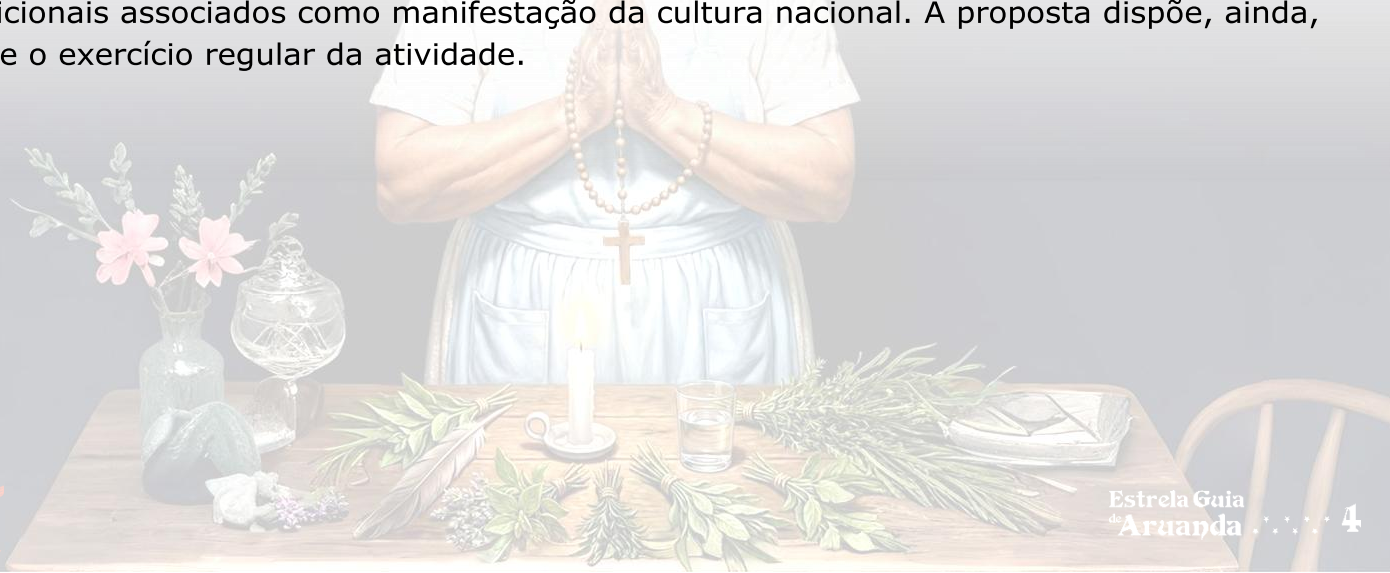
Cada entidade do ACVE possui sua própria oração para o ritual do benzimento. Mãe Norma, que trabalha com a Vó Benedita de Aruanda, revelou uma de suas rezas: “Com dois ‘tibotaram’, com três eu tiro”. Em seguida, faz-se o sinal da cruz de três a sete vezes, acompanhado da oração durante a benzedura.

Vó Benedita utiliza manjerição — muito usado para crianças e conhecido como erva dos encantados —, alecrim, erva que auxilia na limpeza, traz tranquilidade, sabedoria e equilíbrio do sono, e arruda, empregada para uma limpeza mais profunda. Falando em arruda, muitos médiuns, durante a gira, utilizam essa erva atrás da orelha para afastar qualquer tipo de demanda, já que ela apresenta uma aura avermelhada.

Assim, a prática do benzimento não perde sua força: um cuidado que atravessa gerações. Um ritual que atua onde o toque não alcança e onde o silêncio pede amparo.

Saberes do benzimento podem ser reconhecidos por lei

Da tradição oral aos debates institucionais, o benzimento também passa a ganhar espaço no campo das políticas culturais do país. O Projeto de Lei nº 426/25, em tramitação na Câmara dos Deputados, propõe o reconhecimento da prática popular e seus conhecimentos tradicionais associados como manifestação da cultura nacional. A proposta dispõe, ainda, sobre o exercício regular da atividade.



Oferendas, firmezas e assentamento: significados espirituais e culturais

Médium Márcio Gomes

Oferendas, firmezas e assentamentos são práticas centrais em diversas religiões de matriz africana, especialmente na Umbanda e no Candomblé. Esses elementos representam formas de conexão espiritual, expressão de fé e respeito às entidades e às forças da natureza.

As oferendas consistem em alimentos, bebidas, flores, velas e outros elementos naturais entregues como forma de gratidão, pedido ou fortalecimento do vínculo com guias espirituais e orixás. Não devem ser compreendidas apenas como atos externos, mas como gestos de devoção, reconhecimento e reciprocidade espiritual.

As firmezas, por sua vez, são pontos energéticos preparados para sustentar, proteger e fortalecer a vibração de uma entidade ou de um propósito espiritual. Geralmente envolvem velas, ervas, símbolos sagrados e orações específicas.

Sua função principal é manter um campo energético equilibrado, oferecendo proteção, direcionamento e sustentação espiritual a médiuns, praticantes e ambientes religiosos.

Os assentamentos constituem o elemento mais profundo e permanente desses rituais, sendo altares ou objetos sagrados nos quais forças espirituais são “assentadas” de maneira definitiva. Envolvem a reunião de elementos com poderes magísticos, como argila, metais e ervas e, em algumas linhagens tradicionais, o uso de sacrifícios animais para a selagem da energia. O objetivo é criar um ponto contínuo de irradiação de proteção, descarrego e equilíbrio, essencial para a sustentação de terreiros e médiuns. Estudos sobre a Umbanda indicam que os assentamentos exigem conhecimento ritualístico preciso, diferenciando-se das firmezas pela maior complexidade e pela necessidade de manutenção constante.

Em síntese, oferendas, firmezas e assentamentos formam um tripé essencial nas práticas afro-brasileiras, cada qual com funções complementares que fortalecem e enriquecem a espiritualidade coletiva.



O rito de firmar a vela para anjo da guarda na Umbanda

Médium Sabrina Cardoso

“Fio, ‘ocê’ firmou o anjo da guarda?”. A pergunta simples de um preto-velho, dita com voz mansa, carrega um ensinamento profundo que atravessa gerações.

Firmar a vela é diferente de apenas acendê-la. Firmar é dar sentido, direção e intenção. Trata-se de um ato ritualístico que representa conexão e a abertura de um canal simbólico e energético vibracional; é também um ato de autorresponsabilidade, pois firmar exige presença.

Por isso, a tradição oral transmitida pelos mais velhos ensina: não se firma vela para o anjo da guarda com raiva, medo ou descontrole. A chama responde ao campo vibratório de quem a sustenta. É preciso, primeiro, preparar o espaço, aquietar o pensamento, elevar o sentimento e reconhecer que aquela chama representa luz consciente. A vela firmada e acesa, nesse fundamento, simboliza a ligação do material com o espiritual; o espírito em vigília; a ancoragem vibratória e a sustentação. A luz, como um fruto, é a consciência percebida e manifestada.

Enquanto a vela queima, o médium, ainda que em oração livre, mantém uma atitude interna de reconhecimento: “estou presente”, “estou acordado”, “estou em oração”.

Ao firmar a vela, o médium se coloca sob a própria luz, reconhecendo suas sombras e virtudes. Não se trata de fazer promessas, mas de presença. Não é troca, é alinhamento. Como ensinam os pretos-velhos: “quem aprende a firmar seu anjo da guarda com presença aprende a firmar a própria caminhada”.

As diversas linhas da Umbanda não possuem consenso sobre o conceito de anjo da guarda. Tata Tancredo, por exemplo, ao explicar o tema, afirma que “todo ser humano é acompanhado por um orixá-mentor, ou anjo da guarda”, que não se confunde com um “guia”. Outros autores relacionam o conceito ao sincretismo católico e à tradição judaica.



No ACVE, a recomendação é que, em dias de trabalho no terreiro, o médium firme uma vela branca para o seu anjo da guarda no velário da capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, observadas as orientações de organização interna e segurança. A vela branca ao anjo da guarda também pode ser firmada no lar do médium, desde que o ato não represente risco à sua segurança, à de seus familiares ou à da comunidade.



Elemento Terra

Médium Paulo Menescal

Ao tratar da relação entre a natureza e as práticas da Magia Natural, é fundamental considerar os quatro elementos como parte integrante não apenas da estrutura do planeta, mas também dos diversos planos e aspectos da existência humana. Como componentes inseparáveis da constituição do ser, esses elementos sustentam o desenvolvimento da vida nos campos material (Terra), psicológico (Ar), emocional (Água) e espiritual (Fogo), além de possibilitarem a manifestação da prática mágica consciente. Quando compreendido e aplicado corretamente, esse sistema torna-se um método poderoso para refletir sobre a interação do ser humano com o ambiente.

O elemento Terra manifesta-se de forma ampla na natureza, abrangendo os reinos animal, vegetal e mineral. Animais, árvores, montanhas, cavernas, pedras, plantas, flores, raízes, frutos e o próprio solo pertencem a esse elemento. No ser humano, a Terra corresponde ao corpo físico e à matéria, representando estrutura, forma, realização, saúde, trabalho, sustento, limites e estabilidade. Seu verbo é *ter* e seu sentido é o tato.

A Terra é abundante e dela retiramos o alimento e o abrigo. É também ela que dá forma e contenção à água: sem o solo, os líquidos não se organizariam em rios, lagos ou mares. Para além do aspecto físico, a Terra simboliza firmeza, força, determinação, objetividade, praticidade e enraizamento. Por guardar tesouros naturais, como metais e pedras preciosas, relaciona-se ainda à prosperidade e à riqueza material.

O elemento telúrico é o grande símbolo da estabilidade, da fertilidade, da criação e da harmonia. Constitui a principal ligação com o plano físico e a dimensão consciente, funcionando como alicerce sobre o qual os demais elementos se apoiam. Em nível emocional, associa-se à confiança, à perseverança e ao cuidado com o corpo, sendo amplamente utilizado em práticas mágicas voltadas à construção, ao progresso, à força física e às conquistas materiais.

Em desequilíbrio, o excesso de Terra pode gerar rigidez, teimosia, materialismo e estagnação; sua falta, por outro lado, provoca instabilidade, dispersão, apatia e sensação de escassez. Por isso, o equilíbrio desse elemento é essencial para uma vida estruturada e saudável.

A Terra também possui reconhecido poder curativo. Associada ao elemento Água, é utilizada em tratamentos naturais com argila, barro ou lama. Além disso, o contato direto com o solo — andar descalço na terra, na areia ou em ambientes naturais — favorece o aterramento, a harmonização energética e a reconexão com a natureza.

Na cristaloterapia, o elemento Terra representa estabilidade, segurança, nutrição e enraizamento. Cristais como turmalina negra, ônix, quartzo verde, malaquita, obsidiana e olho de tigre auxiliam na proteção, na cura e na materialização de objetivos, sendo aliados fundamentais para quem busca estruturar a vida, fortalecer a autoconfiança e manifestar projetos no plano físico.



Música entre colunas dóricas de mármore, muxarabis e cobogós

Médiuns Camila Vidal e Lucius Lettieri

Para os gregos antigos, a música não era mero entretenimento, mas uma força capaz de moldar o caráter e ordenar a alma. A própria expressão *musiké téchne* — a arte das Musas — revela sua ligação com a memória, a poesia e o sagrado. Filhas de Zeus e Mnemosine, as Musas atravessam os grandes poemas fundadores da cultura grega, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero, nos quais o canto inaugura a narrativa e confere sentido aos feitos humanos. Mais do que som, a música era compreendida como potência espiritual, linguagem capaz de alcançar o que as palavras não dizem.

Ritmos e melodias influenciavam emoções, pensamentos e ações. Essa força formadora da psique era chamada de *éthos*: cada modo musical carregava uma qualidade moral específica. Para Platão, melodias equilibradas formavam cidadãos justos, enquanto ritmos desordenados poderiam corromper a alma, conferindo à música uma dimensão ética e política. Assim como a arquitetura clássica, erguida em colunas dóricas de mármore branco, a música também educava o olhar para a proporção, a simetria e a permanência.

Na tradição pitagórica, a música era instrumento de purificação interior. Seus intervalos obedeciam a proporções numéricas simples, revelando uma ordem universal, em diálogo com a cosmogonia apresentada por Hesíodo no clássico *Teogonia*, onde o mundo emerge do caos para uma organização regida por princípios divinos. Daí nasce a ideia da “música das esferas”: um cosmos estruturado por uma harmonia invisível, reconhecida pela alma como memória de sua origem.

Essa compreensão da música como elo entre o humano e o cósmico, porém, não se limita à Grécia Antiga. Em civilizações africanas e ameríndias, o som também atua como tecnologia espiritual e força organizadora da vida coletiva. A música não é espetáculo, mas ação: convoca, sustenta, cura e transforma, organizando o tempo, o corpo e o espaço ritual.

Se na Grécia a música dialogava com a arquitetura do mármore — sólida, simétrica e voltada à eternidade —, nas matrizes africanas e ameríndias ela se organiza a partir do barro, do corpo e do território. A arquitetura não se afirma como monumento fixo, mas como organismo vivo. Como os muxarabis, que filtram a luz e permitem ver sem expor, ou os cobogós, que deixam o ar circular e o som atravessar, trata-se de uma arquitetura porosa, respirante, em constante relação com o entorno e com a comunidade.

Nas cosmologias africanas, o ritmo é um princípio vital. Os tambores não acompanham o rito — eles o constroem. Cada toque organiza o tempo sagrado e conduz o transe. Entre os povos ameríndios, cantos e maracás mantêm o equilíbrio do mundo, transmitindo memória ancestral e saber espiritual. O som, nesses contextos, ergue uma arquitetura invisível — feita de repetição, escuta e presença — que sustenta a vida em comunidade.

É nesse encontro de matrizes que a Curimba se afirma como síntese viva. Na Umbanda, seus pontos cantados e tambores estruturam a gira e alinham corpo, emoção e espírito. Assim como nas epopeias de Homero e na ordem primordial narrada por Hesíodo, a música permanece ponte entre mundos: ora erguida em mármore branco, ora filtrada por muxarabis e cobogós, ela lembra ao ser humano que toda ordem verdadeira é viva, pulsante e compartilhada.





Apometria: a cura além da matéria

Médium João Gabriel Deuschle

Apometria, termo composto pelas palavras gregas apo, que significa “além de”, e metron, “medida”, consiste em um conjunto de ferramentas, técnicas e mecanismos de tratamento espiritual. A prática tem como base fundamental o desdobramento astral do paciente e a atuação sobre seus sete corpos espirituais, visando à cura de desequilíbrios físicos, mentais e astrais, à realização de resgates espirituais, à desobsessão e à investigação e difusão de conhecimentos oriundos do astral superior.⁴

Sua origem está profundamente enraizada na prática desenvolvida por Luiz Rodrigues, cidadão de origem porto-riquenha e pesquisador espiritualista. Tal prática consistia na aplicação de campos de força magnéticos por meio de uma sucessão de pulsos energéticos emitidos sobre os corpos astral e mental do paciente, conforme uma contagem pausada e em voz alta, culminando no desdobramento do indivíduo. Esse procedimento possibilitava um tratamento mais eficaz, estruturado e preciso, constituindo-se como a base do que viria a ser conhecido, posteriormente, como Apometria. Contudo, a codificação sistemática do método é atribuída ao Dr. José Lacerda de Azevedo, que aprofundou, organizou e estruturou essas práticas em sua obra *Espírito C Matéria*, nomeando formalmente o método de Apometria.

Entre as técnicas empregadas destacam-se a formação de campos de força magnéticos; a regressão e progressão nas dimensões do espaço e do tempo para fins de esclarecimento espiritual; o tratamento energético dos corpos dissociados por meio de passes e cromoterapia; a despolarização de estímulos de memória associados a traumas psíquicos e emocionais de origens pretéritas; e, em situações específicas, o acoplamento parcial de subpersonalidades do paciente a um médium, com finalidade esclarecedora, em manifestação análoga à incorporação.

O conjunto dessas práticas fundamenta-se nas 13 Leis da Apometria, sistematizadas pelo Dr. José Lacerda, que descrevem de forma organizada os princípios operacionais, conceituais e técnicos que orientam a aplicação do método.

Ao traçar um paralelo com a Sagrada Umbanda, conforme praticada no ACVE, constata-se que, nos trabalhos espirituais ali realizados, há ampla aplicação dos princípios e conhecimentos apométricos. Desde o estalar dos dedos dos Pretos-Velhos, pulsando energia e luz, até a formação de campos de força magnéticos de proteção na vibração dos Guardiões, durante o início da gira na Tronqueira, evidencia-se a presença constante dessas técnicas ao longo de toda a ritualística — do ingresso no terreiro ao golpe da bigorna que marca o encerramento dos trabalhos.

O saber das ervas e a arte de benzer

Médium Guilherme Friaça

O uso de ervas no trabalho das benzedeiras e dos benzedeiros é uma herança ancestral transmitida pela prática e pela oralidade. Cada planta carrega propriedades medicinais, simbólicas e espirituais que dialogam com a fé de quem benze e de quem recebe a bênção. A escolha da erva nasce da tradição, da intuição e do conhecimento do corpo e do espírito. No ato da colheita, já existe respeito e pedido de licença à natureza. A planta torna-se, assim, elo entre o mundo material e o sagrado.

Arruda, guiné, alecrim, manjerição e espada-de-são-jorge estão entre as ervas mais utilizadas nesses cuidados. Elas aparecem em ramos, defumações, chás e banhos, compondo um repertório terapêutico que envolve cheiro, toque e palavra. Enquanto passa o ramo pelo corpo da pessoa, quem benze conduz a energia da erva por meio da reza. O aroma organiza o ambiente e acalma o espírito, permitindo que o cuidado alcance dimensões físicas, emocionais e espirituais.

A arte de benzer não reside apenas na erva, mas na palavra que a orienta. As rezas, aprendidas com mães e avós, dão direção à força da planta e estruturam o ritual de cura. O ritmo da fala acompanha o movimento das mãos e a respiração de quem benze. Esse compasso cria um campo de acolhimento e confiança, no qual a fé potencializa aquilo que a natureza oferece.

Muitas benzedeiras colhem as ervas em horários específicos, respeitando a lua, o sol e as condições do dia.

Acredita-se que a vitalidade da planta varia conforme o momento da colheita. O cuidado com o armazenamento também preserva sua força.

Na Umbanda, pretas velhas e pretos velhos realizam benzimentos com ramos, rezas mansas e gestos lentos, enquanto caboclos e caboclas aplicam o bate-folhas e os sacudimentos com vigor e precisão.

Em todos esses casos, a erva é instrumento de magia natural, descarrego e harmonização. Além dessas entidades, há uma linha auxiliar da Umbanda, conhecida como Semiombas, que vem ganhando destaque em diversos terreiros. Capitaneada por São Francisco de Assis, essa corrente espiritual é voltada à caridade, ao amor incondicional, à cura e à simplicidade. Composta por frades, freiras, monges, missionários, benzedeiras e benzedeiros do catolicismo popular, atua sob forte influência cristã e franciscana, com foco na desobsessão, na cura de enfermidades e na proteção ambiental.

Em síntese, nos terreiros de Umbanda, preservar o saber das ervas e a arte de benzer é manter viva uma forma de cuidado comunitário baseada na fé e na simplicidade, seja pelas mãos de pretos e pretas velhas e do povo das matas, seja por intermédio de benzedeiros e benzedeiras do catolicismo popular. As ervas atuam como verdadeiras condutoras de axé e equilíbrio, reafirmando seu papel como instrumentos de cura, proteção e espiritualidade no cotidiano.



O uso da água fluidificada

“A fonte que procede do coração da Terra e a rogativa que flui do imo dalma, quando se unem na difusão do bem, operam milagres” (Emmanuel)

Médium Mariana Marra

Uma realidade universalmente observada é a de que a água é primordial à vida. Deus criou o organismo humano composto por 70% dessa substância inorgânica e dependente desta para seu pleno e correto funcionamento. A água e os líquidos em geral são sensíveis à magnetização e a conservam durante longo tempo, por anos mesmo, sem que suas propriedades sejam diminuídas. É assim que o fluído atua na “psicomolécula” da água, propiciando uma estabilidade molecular e formando um campo magnético que só será alterado por outra influência psíquica externa, nova magnetização ou pela dissociação de suas cargas energéticas quando consumida. De todos os compostos da Natureza, a água é o que mais completamente recebe o fluído magnético e o recebe de maneira a chegar mais facilmente ao estado de saturação, além de possuir características como elevada solubilidade, baixa interferência nos medicamentos trazidos ao plano físico dos laboratórios do plano maior e ser de fácil administração como remédio para promover o equilíbrio do corpo físico e perispiritual.

Em geral, muitas religiões têm grande apreço a ritualísticas envolvendo a água. De acordo com Michaelus (1995, apud MELO, 1996), autor da obra Magnetismo Espiritual, isso remete a fenômenos em que a água recebe eflúvios magnéticos dos planos espirituais através de rogativas fervorosas e sinceras. A mudança das propriedades da água é realizada por ação de uma vontade, em que o espírito atuante é o magnetizador, quase sempre assistido no momento de prece por outro espírito, operando uma transmutação por meio do fluído magnético- matéria que mais se aproxima ao elemento cósmico universal. Em regra, são os espíritos desencarnados, que fluidificam a água durante as sessões de tratamento espiritual presenciais ou à distância, evangelização, culto do “evangelho no lar” e etc. Porém este processo poderá ser muito mais popularizado quando se souber que todas as pessoas, em suas próprias casas ou em qualquer lugar, poderão obter essa água curativa.

Nesse sentido, basta que os interessados posicionem uma vasilha com água pura, potável e límpida, e façam uma prece com intenção, aguardando alguns momentos nessa vibração para que os espíritos desencarnados fluidifiquem a água. Esta é um excelente condutor de força eletromagnética, absorverá os fluídos sobre ela projetados, e os transmitirá ao organismo doente quando ingerida ou passada. Para sua magnetização, não importa se os recipientes estejam fechados ou abertos, ou ainda, a temperatura da água. As pesquisas científicas até o momento não identificaram barreiras capazes de impedir a transmissão fluídica.

A prece intercessória e o pensamento da bondade representam irradiações de nossas melhores energias. Segundo Jacob Melo (1996), renomado pesquisador espírita brasileiro especializado em magnetismo, o espírito que se eleva em direção ao céu é antena viva, captando potências da natureza superior, podendo distribuí-las a benefício de todos. Para auxiliar a outro e a si mesmo, bastam a boa vontade e a confiança positiva. Isto é o mais importante, é o que transforma a água em medicamento salutar.

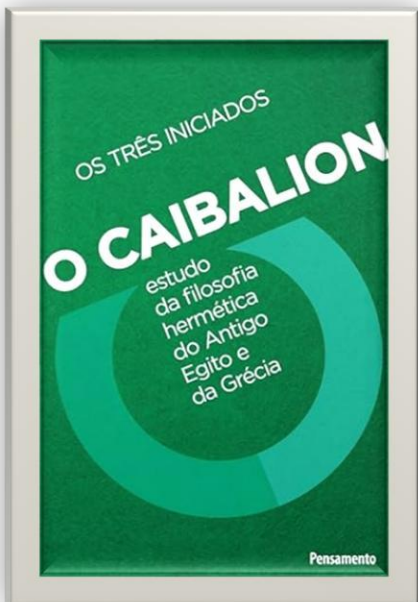


Umbanda tem fundamento

É preciso conhecer

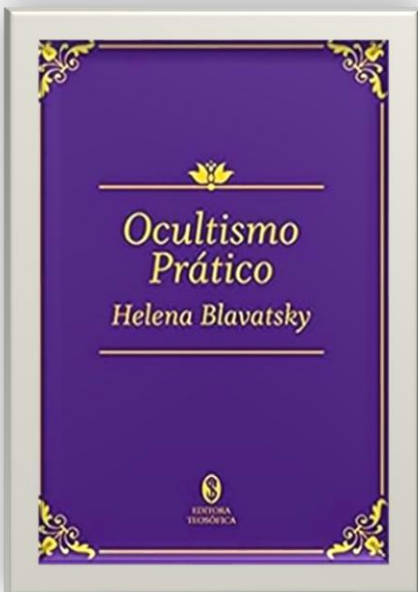
A cada edição, o jornal Estrela Guia de Aruanda traz indicações de livros, filmes, canais, podcasts e outros conteúdos relacionados à Espiritualidade. O objetivo é compartilhar boas dicas de conhecimento sobre o universo da magia e do sagrado, sempre com responsabilidade e fundamento.

Confira, a seguir, algumas sugestões:



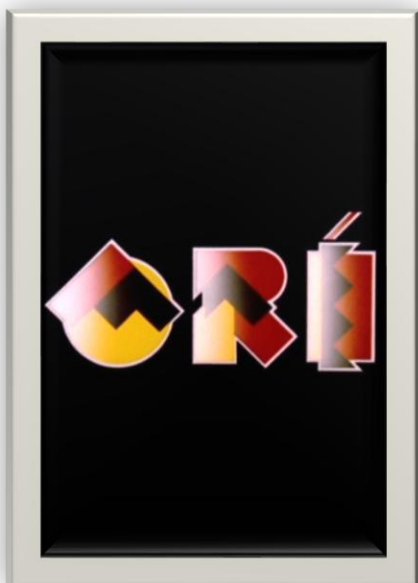
Livro: O Caibalion

Obra clássica da filosofia hermética que apresenta, de forma sintética e simbólica, os ensinamentos atribuídos a Hermes Trismegisto, organizados nos Sete Princípios Herméticos. O livro propõe que a realidade é regida por leis universais que atuam nos planos mental, material e espiritual, destacando o mentalismo como base de toda a criação e o autoconhecimento como caminho para a evolução da consciência. Com abordagem filosófica e prática, convida o leitor a compreender os ritmos, polaridades e causas que moldam a existência, com uma visão integrada do universo e da responsabilidade sobre seus próprios processos de transformação.



Livro: Ocultismo Pático

Obra reúne ensinamentos essenciais sobre a prática do ocultismo a partir de uma perspectiva ética, filosófica e espiritual. O livro enfatiza que o verdadeiro ocultismo não se resume a poderes ou fenômenos psíquicos, mas exige disciplina, purificação moral, altruísmo e profundo autoconhecimento. Blavatsky alerta para os riscos do uso egoísta do conhecimento oculto e destaca que o desenvolvimento espiritual autêntico está ligado ao serviço à humanidade, à responsabilidade individual e à harmonização entre mente, caráter e propósito.



Plataformas Digitais: ÔRÍ (de Raquel Gerber, 1989)

Ôrí significa "cabeça", "consciência negra", em língua yorubá. A música, a dança, o gesto, o ritual, na expressão da cultura mais antiga da Humanidade. Ôrí documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, tendo o quilombo como ideia central de um contínuo histórico e apresentando como fio condutor a história pessoal da historiadora Beatriz Nascimento, e revela a comunidade negra em sua relação com o tempo, o espaço e a ancestralidade.



Posicione a câmera do celular no QRCode para assistir ao filme na íntegra. Ou [clique aqui](#)

Referências da edição

Página 4: A arte do benzimento: sabedoria e fé que andam juntas

Portal da Câmara dos Deputados:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2483881>.

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=eBPegB3IIU0>

Página 5: Oferendas, firmezas e assentamento: significados espirituais e culturais

PRANDI, Reginaldo. Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras. VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio. SILVA, Vagner Gonçalves da. Religiões Afro-Brasileiras. São Paulo: Edusp. Assentamento e Firmeza Na Umbanda. Por Rubens Saraceni. Scribd. Rituais Umbandistas - Oferendas, Assentamentos e Práticas Espirituais. Studocu.

Página 6: O rito de firmar a vela para anjo da guarda na Umbanda

FREITAS, Byron Tôrres de; PINTO, Tancredo da Silva. Doutrina e ritual de Umbanda. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, 1958. KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2019. MATTA E SILVA, Woodrow Wilson da. Doutrina secreta da Umbanda. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1967. Matta e SILVA, Woodrow Wilson da. Umbanda de todos nós. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979. SARACENI, Rubens. A magia divina das velas — O livro das sete chamas sagradas. 1. ed. São Paulo: Madras, 2007.

Página 7: Elemento Terra

Peixoto, Norberto - O Magnetismo na Casa Umbandista: A Saúde Integral do Ser/ 3a ed Porto Alegre: BesouroBox, 2021

Arroyo, Stephen - Astrologia, psicologia e os quatro elementos; 2a ed.-SãoPaulo: Pensamento, 2013

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/os-cristais-e-os-quatro-elementos%2Ccc6bbc4b68fb4063417a5de7007e8b29fdcfcyts.html>

Página 8: Música entre colunas dóricas de mármore, muxarabis e cobogós

BENISTE, José. *Órun Àiyé: o encontro do céu e da terra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007. HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Página 9: Apometria: a cura além da matéria

AZEVEDO, José Lacerda de. Espírito C Matéria: novos horizontes para a medicina. Porto Alegre: Casa do Jardim, 1988. PEIXOTO, Norberto. Apometria e Umbanda: os orixás e as linhas de Umbanda. Florianópolis: Editora do Conhecimento, 2014. AMAIS, Geazi. Apometria e desdobramento múltiplo. São Paulo: Madras, 2009.

Página 10: O saber das ervas e a arte de benzer

CLEMENTE, Ana Carolina, e MONTEIRO, Ana Angélica. Mulheres que curam: os saberes ritualísticos sobre uso de ervas das rezadeiras e benzedadeiras de Miguel Pereira, RJ, em Revista Interfaces, v. 34, n. 1 jan-jun 2024. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/66640/42350>. Consulta em 08/02/2026. CAMARGO, Adriano. Rituais com ervas. Banhos, defumações e benzimentos. Ed. O Erveiro. São Paulo. 2012. DANTAS, Fábio. Ervas e Benzimentos. O Livro Sagrado. Ed. Academia. São Paulo, 2017. MENEZES, Javert. A Arte do Benzimento: Orações, Rezas, Benzeduras. Ed. Alfabeto. Curitiba, 2017.

Página 11: O uso da água fluidificada

ARMOND, Edgard. Passes e radiações: métodos espíritas de cura. São Paulo: Aliança, 1950. MELO, Jacob. O passe: seu estudo, sua técnica e sua prática. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996. ESPÍRITOS DIVERSOS. Bilhetes fraternais. Livro 3. São Paulo: [editora responsável], 2022.



@acve.acve

WWW.ACVE.COM.BR

A arte de benzer

Estrela Guia de Aruanda



As imagens que ilustram esta edição foram retiradas de bancos de domínio público, ou seja, sem direitos autorais. A arte da página 04 foi cedida, gratuitamente, pelo artista Fábio Vieira. As demais artes foram geradas e manipuladas em ferramentas gratuitas de Inteligência Artificial por Dênio Matos



AÇÃO CRISTÃ VOVÔ ELVÍRIO

Viver para aprender, Aprender para viver.

Ano IX Março 2026 Distribuição gratuita